

“Bandidos”: um Mal suscitado pela imprensa¹

Angélica FONTELLA²

Doutoranda

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Este artigo apresenta algumas considerações preliminares a respeito do conceito em construção de “bandido da imprensa” a partir da análise da palavra “bandido” empregada pelo jornalismo impresso. Amparadas por Ricoeur (1994,1995 e 1997), Matheus (2006 e 2016) e D’Amaral (2020), examinamos 31 narrativas de violência urbana publicadas no contexto de profusão da palavra “bandido” nas páginas do segundo maior jornal do Brasil em circulação: *O Globo*, especificamente, no ano de 2002.

Palavras-chave: História do Jornalismo; Violência; Bandido; Jornal O Globo.

Introdução

Da imprensa policial a publicações no Instagram, passando por *tweets*,³ programas “pinga-sangue” e discursos políticos, tudo indica existir um consenso na interpretação de que a palavra “bandido” é um xingamento e potente. Mas, afinal, o que é “bandido”? Essa pergunta nos endereça à obra de referência do historiador marxista britânico Eric Hobsbawm (1917-2012) *Bandidos*, publicada originalmente em 1969:

Os bandidos, por definição, resistem a obedecer, estão fora do alcance do poder, são eles próprios possíveis detentores do poder e, portanto, rebeldes potenciais. Na verdade, a palavra bandido provém do italiano *bandito*, que significa um homem ‘banido’, ‘posto fora da lei’ seja por que razão for, ainda que não surpreenda que os proscritos se transformassem facilmente em ladrões (HOBSBAWM, 2016, p. 309).

Embora o interesse de Hobsbawm (2016) esteja mais voltado para a realidade europeia e, particularmente, o fenômeno do banditismo social – do qual fazem parte os proscritos (banidos) rurais que eram encarados como criminosos por senhor e Estado, mas permaneciam integrados à sociedade camponesa que, inclusive, considera tais indivíduos como heróis, campeões, vingadores e homens a serem admirados e ajudados (2015, p. 472) -

¹ Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Mestra. Jornalista formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da mesma universidade. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e-mail: angelicafontella@gmail.com.

³ *Posts*, publicações realizadas na mídia digital Twitter

, temos, na sua descrição, algumas pistas para compreendermos melhor o “bandido da imprensa”, objeto principal da nossa pesquisa de tese em andamento.

Para construirmos esse objeto, inicialmente, buscamos identificar a frequência dessa palavra na imprensa. Na ocasião da pesquisa de dissertação *Cenas de linchamento da imprensa* (FONTELLA, 2019) - cuja análise principal girou em torno da cobertura pelo jornal *Extra* do caso emblemático do linchamento de Cleidenilson Pereira da Silva, no Maranhão, em 2015 -⁴ notamos algumas discrepâncias lexicais que chamaram a atenção: quando comparamos o texto da cobertura do caso com os textos (comentários em reação à capa) dos leitores na página do Facebook do impresso, as duas palavras mais recorrentes no “mundo do leitor” (RICOEUR, 1994, 1995, 1997), “bandido” e “negro” não apareceram no impresso. Nosso foco, naquele momento, foi sobre a palavra “negro”, agora, investigaremos o termo “bandido”.

Na tentativa de ampliar o nosso olhar, em vez de focarmos nessa ou em outra cobertura específica, recorreremos preliminarmente aos acervos digitalizados dos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Globo*. Além de serem veículos de circulação nacional e, respectivamente, primeiro e segundo colocados no ranking de circulação total segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC) de 2020,⁵ são impressos consolidados que datam dos anos 1920 e integram dois dos maiores conglomerados de mídia do Brasil, Grupo Folha e Grupo Globo. Ao buscarmos precisamente por “bandido”, encontramos o seguinte cenário, entre as décadas de 1920 e 2020: 71.189 páginas encontradas no jornal *O Globo*⁶ versus 33.975 resultados encontrados na *Folha*⁷ e uma espécie de efeito pirâmide que converge para os anos 2000 nos dois impressos.

Quadro 1

Frequência da palavra “bandido” na imprensa

⁴ DO tronco ao poste. *Extra*, 08 jul. 2015. p. 1 e p. 3.

⁵ Conforme <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2021/02/04/grandes-jornais-tem-caminho-de-crescimento-no-digital.html> Acessado em: 13/06/2021

⁶ Conforme <https://cutt.ly/5nC9d5H> Acessado em: 13/06/202

⁷ Conforme

https://acervo.folha.com.br/busca.do?keyword_all=&keyword_exact=bandido&keyword_any=&keyword_none=&por=Por+Per%C3%ADodo&startDate=&endDate=&days=&month=&year= Acessado em: 13/06/202

Década	Páginas O Globo	Resultados Folha de S.Paulo
1920	627	922
1930	1.422	1.771
1940	1.020	1.410
1950	2.698	1.534
1960	5.294	1.876
1970	5.759	3.888
1980	8.292	4.211
1990	12.026	5.401
2000	21.826	7.114
2010	11.890	5.471
2020	335	377
	71.189	33.975

Fonte: *O Globo* e *Folha de S.Paulo*: 1920-2021

Neste primeiro momento, vamos nos concentrar no jornal *O Globo* dos anos 2000, especialmente, em função da expressividade de resultados ali localizados: mais de três vezes maior do que o encontrado no impresso paulista na mesma época (ainda que as buscas não sigam a mesma metodologia em cada acervo digital) e quase duas vezes maior do que o encontrado no mesmo veículo nas décadas anterior e posterior. Foi um momento de notável profusão do emprego da palavra “bandido” pelo impresso carioca, o que demanda maiores investigações.

Ganha destaque um ano específico, 2002, que concentra 13% de todas as ocorrências do período.⁸ O fato de ter sido um ano eleitoral (com vitória do candidato de esquerda Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores) corrobora com a concentração detectada. Conforme aponta Matheus (2016, p. 330), citando Borges (2005) e Duarte (2003), ocorre um “acirramento do apelo ao medo no Rio em períodos que antecederam eleições com fortes candidatos de esquerda” (MATHEUS, 2016, p. 330).

Ainda que foquem no regional, mais do que no nacional, entendemos que essa percepção pode ser ampliada. A autora destaca outro ponto com o qual concordamos quanto à importância do evento eleições para o jornalismo: “a literatura jornalística é marcada pela periodicidade, que impõem um ritmo cíclico” (MATHEUS, 2016, p. 1330) exemplificado por festas profanas e católicas, mas também por acontecimentos periódicos como as eleições.

Avaliamos, então, as ocorrências de “bandido” em cada mês de 2002 e observamos três momentos de maior frequência: janeiro, junho e setembro concentram mais de um terço de todos os resultados, 34,7%. Assim, esses foram os meses escolhidos para a nossa análise

⁸ Conforme <https://cutt.ly/5nBZ3Oh> Acessado em: 18/06/202

comparativa, especificamente, as primeiras páginas desse período que trouxeram a expressão “bandido”.

Entre os principais acontecimentos relacionados à violência urbana que marcaram esses meses, destacamos: o sequestro seguido de morte do então prefeito de Santo André (SP) na Região Metropolitana de São Paulo, Celso Daniel, em janeiro; o assassinato do jornalista da TV Globo Tim Lopes, na comunidade de Vila Cruzeiro, na Penha, zona norte carioca, em junho; a rebelião na penitenciária Laércio da Costa Pelegrino (Bangu I), no Rio de Janeiro (RJ), comandada por Luiz Fernando da Costa, o Fernandinho Beira-Mar, que também objetivou assassinar rivais como Ernaldo Pinto de Medeiros, o Uê - condenado por tráfico de drogas e por comandar a chacina de 11 pessoas nos anos 1990 - e a prisão do então suspeito de ter ordenado o crime de homicídio contra Tim Lopes, Elias Pereira da Silva, o Elias Maluco, em setembro.

Assim, tomamos como objeto de análise o seguinte: as narrativas em torno da palavra “bandido” encontradas em nove primeiras páginas de janeiro de 2002, 13 primeiras páginas de junho de 2002 e 9 primeiras páginas de setembro de 2002. Um total de 31 páginas, cada uma com uma narrativa jornalística construída com a palavra “bandido”.⁹ Por meio de uma análise comparativa entre essas tramas narrativas, especialmente, as chamadas de capa, identificamos no que se assimilam e no que se diferenciam.

Nesse exercício, chegamos a algumas constatações que levaram a construção de três grandes grupos de características mais prementes: o emprego de “traficante” e “tráfico” como sinônimo de “bandido”; a ausência de nomes (na maior parte das vezes, os nomes daqueles identificados como “bandidos” ou não aparecem ou são substituídos por apelidos); e a importância do tempo: a trama “ultrapassa suas fronteiras, indo buscar significações em notícias anteriores, e preparando terreno para as posteriores, em um *continuum narrativo*” (MATHEUS, 2006, p.23).

Ainda a respeito do tempo, é indispensável citar uma das hipóteses de base de Ricoeur: a tríplice mimeses, que pressupõe a existência de uma correlação proposital (não acidental) entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana,

⁹ Para o mês de junho, o mecanismo de busca de *O Globo* forneceu um resultado de 14 primeiras páginas com a expressão “bandido”, contudo, ao verificarmos a página referente à edição do dia 30, não localizamos o termo, assim, não a consideramos. Para setembro, o resultado foi de 10 páginas inicialmente, entretanto, constam duas edições de uma mesma data, dia 23. Na primeira edição, a palavra “bandido” aparece em uma charge; na terceira edição, além da charge, uma manchete foi substituída: no lugar de “Má iluminação favorece ação de criminosos” (primeira edição), entrou “PM e bandidos trocam tiros em hotel de FH” (terceira edição), assim, mantivemos apenas a terceira edição como parte do corpus.

ou seja, o tempo só se torna “tempo humano” à medida que é articulado de uma maneira narrativa e “a narrativa só atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal” (RICOEUR, 1994, p. 85).

Bandidos na imprensa e na história

Examinando o objeto empírico proposto neste artigo, é possível elaborar uma definição de bandido segundo o que é narrado pela imprensa. Nas 31 narrativas analisadas, observamos uma forte associação entre bandido(s) e tráfico/traficante(s): 16 chamadas de capa privilegiam a expressão “tráfico/traficante(s)”, enquanto apenas cinco citam “bandido(s)”. É nos demais textos (subtítulos, legendas e resumos das notícias que encontraremos dentro da edição) que “bandido(s)” aparece, mas ainda encontramos “tráfico/traficante(s)” reiteradamente também nessas massas textuais.

É notável a relação simbiótica que se constrói entre essas três expressões (bandido/traficante/tráfico), com destaque para a transformação de “tráfico” em sujeito que pratica ações (um total de nove ocorrências), destacamos três ocorrências, para exemplificar: “Tráfico incendeia ônibus”;¹⁰ “Tráfico julgou, torturou e executou Tim Lopes”;¹¹ “Tráfico faz propaganda do crime pela internet”.¹²

Outro dado que sobressai é a aparente despreocupação quanto à existência ou não de condenação formal contra esses personagens: o reconhecido cuidado jornalístico pelo uso do tempo verbal futuro do pretérito não se colocou como predominante nos casos analisados. Também desperta interesse que a minoria das narrativas traga os nomes dos envolvidos, apenas cinco entre as 31, sendo que, em alguns dos casos, aparecem apenas os apelidos (sete ocasiões).

A característica de *continuum narrativo* que se apresenta em 21 das narrativas analisadas também se destaca. Não são necessariamente conectadas entre si, mas reverberam terminologias de continuidade que parecem contribuir com a criação de uma espécie de “memória do medo”, conforme trabalhado por Matheus (2006, p. 21). Pinçamos duas ocorrências, como exemplo: “Tráfico volta a pichar e libera vermelho”;¹³ “Ônibus incendiado é o 302º em 3 anos”.¹⁴

¹⁰ TRÁFICO incendeia ônibus. **O Globo**, Rio de Janeiro, ano LXXVII, n. 24.991, 12 jan. 2002. p. 1.

¹¹ TRÁFICO julgou, torturou e executou Tim Lopes. **O Globo**, Rio de Janeiro, ano LXXVII, n. 25.141, 10 jun. 2002. p. 1.

¹² TRÁFICO faz propaganda do crime pela internet. **O Globo**, Rio de Janeiro, ano LXXVII, n. 25.242, 15 set. 2002. p. 1.

¹³ TRÁFICO volta a pichar e libera vermelho. **O Globo**, Rio de Janeiro, ano LXXVII, n. 24.996, 17 jan. 2002. p. 1.

¹⁴ ÔNIBUS incendiado é o 302º em 3 anos. **O Globo**, Rio de Janeiro, ano LXXVII, n. 25.155, 22 jun. 2002. p. 1.

Para uma análise mais robusta dessas narrativas, é premente investigar o termo “bandido” em si. Segundo o dicionário moderno, especificamente, o *Dicionário Houaiss Da Língua Portuguesa* (HOUAISS e VILLAR, 2009), trata-se de substantivo masculino do século XVI que denomina o indivíduo que pratica atividades criminosas e que, por extensão, significa uma “pessoa com sentimentos ruins”. Enquanto adjetivo, relaciona-se a bandido ou a banditismo; que faz sofrer; que é cruel, infeliz, como em “saudade bandida” e “amor bandido”. É apontada também a origem italiana: vem de *bandito*, particípio passado de *bandire*, que significa “exilar”, “banir”. Ou seja: aquele que foi banido/exilado (HOUAISS, 2009, p. 254-255).

Aprofundando essa investigação etimológica, recorreremos também aos primeiros grandes dicionários da língua portuguesa, Raphael Bluteau (1712) e Antonio de Moraes Silva (1789), onde novamente encontramos a ideia do banimento como fundamental:

BANDIDO, Bandido. *Vid.* Banido. ,Perseguido,tugitivo,desterrado, *Ban-*
ido, sempre leal.Vieira, Tom.4.477.
BANDIDOS, Bandidos. Vem do Ita-
liano *Banditi*, que quer dizer,ladro-
ens de estradas , & assassinos de grada-
dos,que andão em bandos correndo as
terras, & fazendo roubos, violencias,
hostilidades, &c. Em Italia , & princi-
palmente no reino de Napoles há mui-
tos bandidos. *Grassatores,um.*

Figura 1 - BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino*. Lisboa: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728, p. 31.

BANDIDO v. *banido*. Paiva *Serm.* 1. f. 57.
v. ,, entre as bandidos do campo foi Jovinia-
no ,, : Vieira. § *Bandidos* f. por falteadores d'ef-
trada.

Figura 2 - SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. 7 ed. melhor. e acresc. Lisboa (Portugal): Typ. de Joaquim Germano de Souza Neves, 1789. 2 v. p. 163

Dessa forma, cabe investigar também a palavra “banido”. Na acepção contemporânea, adjetivo datado de 1371, particípio do verbo “banir”; exausto, enfraquecido, alquebrado; aquele que foi expatriado por sentença; exilado, desterrado; por extensão, que ou aquele que foi posto para fora; expulso. “Banir” (de mesma datação), significa expulsar de um lugar; condenar a desterro. Proibir que continue a fazer parte de ou frequentar (sociedade, recinto etc.). No sentido figurado, colocar a distância; afastar, afugentar, como em “banir da alma a tristeza”. Sinonímia de “eliminar”.

Em Bluteau (1712) e Silva (1789), temos:

BANIDO, Banido. Malfeitor auzente, condenado pellos juizes da môr alçada; podê fer morto por qualquer do povo, & algumas vezes se promete premio a quem o matar; ninguem o podê licitamente encobrir, nem trazer confizo; & vindo depois de paffado o anno, não he mais ouvido com defeza alguma. *Proscriptus, a, um. Cic. in Verrem.* O ascêdente, o irmão do banido, ainda que o encubra não tem pena alguma. *Vid. Liv. 5. das Ordenaç. Tit. 127. §. 10.* Guiado por , confelho de homens *Banidos.* Mon. Lufit. Tom. 7. 122.

Figura 3 - BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez e latino.** Lisboa: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728, p. 35.

BANIDO, part. pãff. de *banir*.
BANIR, v. at. profcrever, encartar, desterrar, e degradar da sociedade, por decreto público, no qual se concede a qualquer a impunidade se matar ao banido. § f. Desterrar v. g. ,, — os abusos; prohibir v. g. ,, *banir os livros*: não admitir, excluir v. g. ,, *foi banido de todas as sociedades; conversações* ,,

Figura 4 - SILVA, Antonio de Moraes. **Dicionario da lingua portugueza. 7 ed. melhor. e acresc.** Lisboa (Portugal): Typ. de Joaquim Germano de Souza Neves, 1789. 2 v. p. 164

Em suma, constatamos que fazem parte da construção da figura “bandido” as ideias latentes: alguém que contraria determinadas regras; que se quer extirpar/expulsar/excluir/dar fim a; contra o qual o desejo de eliminação pode ser considerado legítimo.

A esse respeito, é preciso considerar algumas teorias que perpassam as origens dessas ideias, notadamente, a questão do Bem *versus* o Mal. Para tanto, recorreremos ao campo teórico-filosófico, uma vez que essa é uma “das mais importantes [questões] que atravessou, que atravessa a consciência cultural do mundo. A mais presente e radical na ordem moral. A questão por excelência” (D’AMARAL, 2020, p. 6-7).

Em texto recente que busca compreender o comportamento humano diante da pandemia de Covid-19 que ainda atravessamos, D’Amaral (2020) traça um histórico do estudo desse binômio pela cultura ocidental, até chegar nos dias atuais e no Brasil, informando que essa questão “irrompeu nesse nosso tempo na forma detestável, mas hoje inevitável, do ‘nós’ e ‘eles’ que divide a humanidade e que experimentamos de forma tão violenta no Brasil” (D’AMARAL, 2020, p. 7).

“Não basta dizer que ‘Bem-e-Mal’ é um artefato religioso, moral e metafísico que finalmente pudemos abandonar”, explica o autor (D’AMARAL, 2020, p. 9), até porque, como veremos, trata-se de um recurso narrativo e lógico - no sentido de buscar sentido no que vemos e apreendemos do mundo – largamente empregado. Algumas modalidades de estrutura de Bem-e-Mal já pensadas foram: a forma grega relacionada à Verdade; a forma greco-latina, à felicidade; a forma cristã, à Salvação; a renascentista que vinculou o Mal à Idade Média que se queria apagar e substituir pela beleza e alegria da vida, pelo Bem da vida; a moderna que “entronizou a Razão como critério de verdadeiro e falso, e tentou com ela ‘esmagar a infame’ - a religião, a Igreja, nos termos de Voltaire” (D’AMARAL, 2020, p. 9); a moderna do XIX que se voltou para o fim da História a partir da redenção pelo Espírito ou pela cultura (conforme Hegel) ou pelo infinito (conforme Fichte e Schelling) ou “uma síntese final sem contradições que obtivesse a perfeição absoluta, em que a alienação não vigorasse mais (Hegel) e a humanidade entrasse enfim no reino da liberdade, encerrando a longa história das explorações e submissões (Marx)” (D’AMARAL, 2020, p. 9).

Por fim, o autor chega ao ponto central da sua argumentação: talvez a maneira de pensar a estrutura Bem-e-Mal que mais faça sentido hoje seja a partir do “Terror, alimentado pelo ódio, que deságua no ‘nós-e-eles’ das polarizações contemporâneas” (D’AMARAL 2020, p. 10). Em termos absolutos, explica, não há Bem ou Mal, “tratou-se sempre de estratégias de dominação: do discurso, das pessoas, da pólis, da natureza. Da vida. Estratégias de dominação da vida” (D’AMARAL 2020, p. 10). Entre essas a que mais nos interessa é a discursiva, sem dúvida. O impacto das narrativas sobre a realidade é uma preocupação essencial da nossa pesquisa.

Em sua breve digressão, D’Amaral propõe uma forma de pensar a estrutura Bem-e-Mal a partir da história da filosofia que contribui para a compreensão das narrativas sobre os “bandidos da imprensa”. A primeira “máquina de exclusão dos maus e de inclusão dos bons foi estruturada por Sócrates, no século V aEC, quando se colocou contra os sofistas, seus contemporâneos (D’AMARAL 2020, p. 11). Para os sofistas, o mundo é intrinsecamente caótico e, portanto, não é possível saber nada de verdadeiro, explica: “A verdade era impossível” (2020, p. 11).

Mesmo assim, ensinavam, “foram os primeiros professores itinerantes da Grécia e cobravam pelos seus ensinamentos – sabendo que o que diziam em seus cursos públicos no

final das contas não devia ser verdadeiro” (D’AMARAL, 2020, p. 11). Por esse motivo, acrescenta o autor, os sofistas explanavam os dois pontos de vista opostos acerca das questões que abordavam, o que não os isentava de manter suas preferências, alerta D’Amaral. Esses mestres da retórica, pela ação bem-sucedida da exclusão, deixaram de ser considerados filósofos. “Para Sócrates, esse comportamento era sacrílego e imoral. Ofendia os deuses ao tratar como produto de compra e venda essa coisa sagrada que é a sabedoria” (D’AMARAL, 2020, p. 11-12). D’Amaral conclui então que os sofistas foram condenados por imoralidade e atacados por Sócrates também por uma questão moral e não epistemológica, sobre a verdade (negada pelos sofistas).

Suas práticas [dos Sofistas] eram o Mal, o que devia ser evitado para ser um bom cidadão e uma boa pessoa, ter sua alma bem julgada depois da morte, ir para as Ilhas Bem-aventuradas e não para o Tártaro (D’AMARAL, 2020, p. 12).

Considerações finais

Sobressai na análise proposta o paradoxo exposto pelo binômio desumanização daqueles nomeados de bandidos (marcada pela irrelevância dos seus nomes) *versus* personificação da atividade tráfico/tráfico de drogas. Ao passo que a relação simbiótica bandido/tráfico/traficante constrói um amálgama do mal, uma instituição que representa algo ruim, que deve ser liquidado e combatido; a essa mesma instituição criada é oferecido o “poder” de praticar ações, causar medo, paralisar bairros.

É necessária investigação mais aprofundada dessas e de outras narrativas, para a identificação mais precisa do “bandido da imprensa”, especialmente, enquanto categoria estigmatizante (com base na obra de referência de Erving Goffman, *Estigma* originalmente publicado em 1963). Quanto à entidade que se parece construir com o emprego do trinômio bandido/tráfico/traficante na literatura jornalística, é indispensável recorrer ao trabalho de Orlando Zaccone, no campo da Ciência Política. Em *Indignos de vida* (2015), os sujeitos que dão nome ao livro são justamente “os traficantes”, considerados inimigos das forças policiais e da sociedade que precisam ser eliminados em nome do “bem social”.

Ao analisar os arquivamentos dos autos de resistência – mecanismo legal que, na realidade, seria empregado para encobrir assassinatos cometidos por policiais -, Zaccone observa um ciclo que se retroalimenta e tem início antes mesmo da sentença de arquivamento proferida pelos juízes. Uma das nossas suspeitas é de que as narrativas sobre “os bandidos da imprensa” tem o potencial de corroborar com esse ciclo: contribuindo para tornar legítima a eliminação de determinados grupos de indivíduos associados a esse amálgama.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva Carlos. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. História do jornalismo no Brasil: um balanço conceitual. **Revista Verso e Reverso**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, v. 52, p.1-11, 2009.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português e latino**. Lisboa: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728, 703 p.

D'AMARAL, Marcio Tavares. **As polarizações - a falta que o meio faz: segundo ensaio da quarentena**. IDEA – Programa de Estudos Avançados, Rio de Janeiro, 2020.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1a ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986 p.

FONTELLA, Angélica de Freitas. **Cenas de linchamento da imprensa**. 2019. 125 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação de identidade deteriorada**. Tradutora: Márcia Maria Bandeira de Mello Leite Nunes. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2019. 217 p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990. Tradução de Laurent Léon Schaffter. Traduzido do original francês *La mémoire collective* (2.a ed.) Press universitaires de France. Paris, França, 1968. © 1950, Presses Univeritaíres de France.

HOBSBAWM, Eric. **Bandidos**. São Paulo: Paz e Terra, 2016. *E-book*. 363 p. ASIN B01AGONW04.

MATHEUS, Leticia Cantarela. **Jornalismo popular - Narrativas do medo: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2016. *E-book*. 117 p. ASIN B01LFVWKUA

MATHEUS, Leticia Cantarela. **Elos, temporalidades e narrativas. A experiência contemporânea do medo no jornalismo de sensações**. 2006. 175 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL. **Como nos tornamos o país da punição**. Brasil, 98 p., out. 2015.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas (SP): Papyrus Editora, 1994, tomo I.

_____. **Tempo e narrativa**. Campinas (SP): Papyrus Editora, 1995, tomo II.

_____. **Tempo e narrativa**. Campinas (SP): Papyrus Editora, 1997, tomo III.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da lingua portugueza**. 7 ed. melhor. e acresc. Lisboa (Portugal): Typ. de Joaquim Germano de Souza Neves, 1789. 2 v. 546 p.

ZACCONE, Orlando. **Indignos da vida**: a forma jurídica da política de extermínio de inimigos na cidade do Rio de Janeiro. 1. ed. Rio de Janeiro (RJ): Revan, 2015. 280 p.